

**CENTRO UNIVERSITÁRIO CURITIBA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Ananda Maquehue

Witral- Tear Mapuche e seu artesanato como ferramenta terapêutica

**CURITIBA
2023**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO CURITIBA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Ananda Maquehue

Witral- Tear Mapuche e seu artesanato como ferramenta terapêutica

Projeto de Pesquisa Científica apresentado como requisito parcial para a obtenção de nota bimestral da disciplina de Trabalho de Conclusão de Ensino, no curso de Psicologia do Centro Universitário Curitiba.

**Orientador: Prof. Ms. Renata Mikoszewski
Co-orientador: Prof. Thiago Bagatin**

CURITIBA

2023

Ananda Maquehue

Witral- Tear Mapuche e seu artesanato como ferramenta terapêutica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia do Centro
Universitário de Curitiba – UNICURITIBA, do Estado do Paraná como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Psicologia

Profa Mestre Renata Mikoszewski
Orientadora

Examinador

Examinador

"Nunca han podido eliminarnos y borrar lo que éramos de indígenas, porque somos la cultura del cielo y de la tierra, somos los antiguos descendientes y somos millones y aunque el mundo entero se desplome, nuestro pueblo seguirá viviendo aún más allá de el imperio de la muerte"

(Junta de Apo ülmen del Futawillimapu, caciques mayores de las provincias de Valdivia, Osorno y Chiloé, 1991)

RESUMO

O presente estudo sobre o Witral- Tear Mapuche como ferramenta terapêutica, tem o objetivo de evidenciar o artesanato indígena possibilitando um resgate de identidade, através de sua cultura, tradições, de seus costumes, de seu artesanato que é uma prática ancestral, que vai desde sustento econômico, passando pelo lugar de pertencimento, ancestralidade, continuidade e divulgação da cultura, chegando até a questão da visibilidade, tão importante para os povos indígenas. A pessoa indígena que não consegue manter costumes tradicionais e práticas de sua cultura por diversas situações que envolvem as consequências do processo da colonização, pode apresentar dificuldade de reconhecer suas raízes, sua ancestralidade, seu lugar de pertencimento, sua identidade como indígena, resultando em adoecimento psíquico. Para a população indígena, e suas diversas etnias e culturas, o artesanato é algo muito presente em seus costumes e tradições fazendo parte de seus trabalhos manuais. A presente revisão narrativa realizou pesquisa bibliográfica explorando os tópicos Psicologia e Saúde mental no contexto indígena; Povo Mapuche: Origem, cosmovisão, cultura, identidade; Witral: o artesanato, o desenvolvimento, a cosmovisão, e a prática do Tecer para o povo Mapuche; Trabalho manual e artesanato indígena; e Arteterapia e o artesanato no witral como ferramentas terapêuticas: correlações de saberes. Estes tópicos, somados, permitem analisar o papel do artesanato e o processo de desenvolvimento no witral como um caminho para o resgate e reconhecimento da identidade indígena e sua resistência. Sendo assim, uma ferramenta terapêutica na promoção da saúde mental e bem-estar.

Palavras-chave: Witral-Tear Mapuche; Povo Mapuche; Artesanato Indígena; Ferramenta terapêutica; Psicologia Indígena.

ABSTRACT

The present study on the Witral- Tear Mapuche as a therapeutic tool, aims to highlight the indigenous handicraft enabling a rescue of identity, through its culture, traditions, customs, handicraft that is an ancestral practice, ranging from economic sustenance, passing through the place of belonging, ancestry, continuity and dissemination of culture, reaching the issue of visibility, so important for indigenous peoples. Indigenous people who are unable to maintain traditional customs and practices of their culture due to various situations that involve the consequences of the colonization process, may have difficulty recognizing their roots, their ancestry, their place of belonging, their identity as an indigenous person, resulting in illness psychic. For the indigenous population, and its diverse ethnicities and cultures, handicraft is something very present in their customs and traditions as part of their manual work. This narrative review carried out a bibliographical research exploring the topics Psychology and Mental Health in the indigenous context; Mapuche People: Origin, cosmovision, culture, identity; Witral: craftsmanship, development, cosmovision, and the practice of Weaving for the Mapuche people; Manual work and indigenous handicrafts; and Art therapy and witral crafts as therapeutic tools: knowledge correlations. These topics, taken together, make it possible to analyze the role of handicrafts and the development process in witral as a way to rescue and recognize the indigenous identity and its resistance. Therefore, a therapeutic tool in the promotion of mental health and well-being.

Keywords: Witral-Tear Mapuche; Mapuche people; Indigenous Handicrafts; Therapeutic tool; Indigenous Psychology.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me fortalecerem e me trazem conexão com minhas raízes e ancestralidade do povo indígena e do povo negro;

Ao meu pai, tecedor de mais 50 anos de prática, que tecendo no tear e na vida me ensina os caminhos desse fazer artesanal ancestral e incentivou a ir tecendo esse trabalho;

À minha mãe, que esteve ao meu lado com sua sabedoria curadora ancestral me proporcionando assistência que precisei para que pudesse me tornar graduada em Psicologia;

Aos meus avós, e todos os familiares que me acolheram e apoiaram no propósito deste trabalho;

Ao meu tio Manche Maquehue, que agora seu espírito habita em *Wenumapu* junto aos espíritos dos meus antepassados Mapuche me trazendo Küme Newen para seguir em frente;

Aos professores e orientadores pelo apoio durante o desenvolvimento do trabalho;

Aos meus colegas e amigas de curso, que tornaram tudo mais “leve” e divertido e foram meus companheiros(as) de “luta” ao longo de todo esse tempo;

Aos meus amigos e amigas, que me apoiaram e me ajudaram seja dando uma palavra de apoio ou fazendo companhia ao longo do preparo e propósito maior junto ao tema dos povos indígenas para este trabalho acadêmico;

À todas as pessoas queridas envolvidas na construção deste trabalho que me auxiliaram, contribuíram, deram suporte para continuar tecendo meu TCC;

À ancestralidade e a força espiritual que me acompanha para que eu pudesse chegar até esse momento importante e simbólico honrando quem eu sou e minhas raízes mostrando o artesanato da cultura Mapuche, sendo porta voz do meu povo dentro do meio acadêmico;

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Psicologia e saúde mental no contexto indígena	6
2.1 Atuação do Psicólogo com Povos Indígenas	7
2.2 Retratos do racismo que atravessam o povo Mapuche no Chile.....	11
3. Povo Mapuche - Origem, cosmovisão, cultura, identidade	13
3.1 Witral- o artesanato, o desenvolvimento, a cosmovisão, e a prática do Tecer para o povo Mapuche	17
4. Trabalho manual e artesanato indígena	21
4.1 Arteterapia e o artesanato no Witral como ferramentas terapêuticas: correlações de saberes	22
5. Considerações Finais	26
6. REFERÊNCIAS	28

1.Introdução

O presente estudo sobre o Witral- Tear Mapuche como ferramenta terapêutica, tem o objetivo de evidenciar o artesanato indígena possibilitando um resgate de identidade, através de sua cultura, tradições, de seus costumes, de seu artesanato que é uma prática ancestral, que vai desde sustento econômico, passando pelo lugar de pertencimento, ancestralidade, continuidade e divulgação da cultura, chegando até a questão da visibilidade, tão importante para os povos indígenas. Neste presente trabalho é evidenciado o Povo Mapuche a qual eu pertenço, e considero fundamental destacar a importância de dialogar sobre saúde mental no contexto indígena, com o propósito de produzir e contribuir com a Psicologia Indígena.

A pessoa indígena que não consegue manter costumes tradicionais e práticas de sua cultura por diversas situações, entre elas ter vivenciado preconceito, discriminação, racismo, aculturação, ela pode apresentar dificuldade de reconhecer suas raízes, sua ancestralidade, seu lugar de pertencimento, sua identidade como indígena, resultando em adoecimento psíquico. O esquecimento e gradativa perda das práticas e costumes tradicionais, podem afetar a saúde mental não só do indivíduo, como de todo um coletivo, pois faz parte da cultura e identidade indígena. Os povos indígenas que sofreram com o contato dos invasores e hoje enfrentam as consequências da colonização, passaram a se reinventar para manter sua cultura e tradições, em que unem passado e presente para continuarem a existir (DA MATTA, 1978).

Para a população indígena, e suas diversas etnias e culturas, o artesanato é algo muito presente em seus costumes e tradições fazendo parte de seus trabalhos manuais. Existem vários tipos de artesanatos indígenas e seus materiais. O trabalho manual feito no Tear, também chamado como Witral no idioma Mapuzugun, faz parte da cultura Mapuche sendo uma prática ancestral e milenar.

A presente revisão narrativa realizou pesquisa bibliográfica explorando os tópicos Psicologia e Saúde mental no contexto indígena; Povo Mapuche: Origem, cosmovisão, cultura, identidade; Witral: o artesanato, o desenvolvimento, a cosmovisão, e a prática do Tecer para o povo Mapuche; Trabalho manual e artesanato indígena; e Arteterapia e o artesanato no Witral como ferramentas terapêuticas: correlações de saberes. Estes tópicos, somados, permitem analisar o papel do

artesanato na cultura Mapuche enquanto prática terapêutica, como um caminho para o resgate e reconhecimento da identidade indígena e sua resistência.

A partir da compreensão da realidade e história do povo Mapuche, objetivou-se explorar o desenvolvimento do artesanato no Tear Mapuche enquanto processo terapêutico na promoção da saúde mental e bem-estar.

2. Psicologia e saúde mental no contexto indígena

Segundo levantamento e análise de Batista e Zanello (2016) ainda são poucos os trabalhos científicos produzidos sobre saúde mental e população indígena no Brasil. O número é ainda menor entre os estudos que conceituam a saúde mental em situação indígena, que se aprofundam no tema, diferenciam as etnias e suas culturas com seus costumes, práticas, língua, cosmovisão e tradições ancestrais.

Não muito tempo atrás a Psicologia adotava teorias de evolução da sociedade em que consideravam os indígenas menos desenvolvidos mentalmente, julgando ser primitivo em seu modo de viver do restante da sociedade, e que essa seria mais desenvolvida por ser baseada em conhecimentos impostos pelos europeus. Essa ideia assim como outras são eugenista, euro centrada, violenta para com os povos indígenas, com uma visão colonizadora dentro de uma cultura ocidental e de supremacia branca. Tais críticas apontadas por Guimarães (2022) fazem referência aos primeiros momentos da psicologia como ciência e profissão, são importantes para refletir e entender os motivos dessa escassez de produção científica e interesse no tema da população indígena.

Embora ainda seja pequeno o movimento de psicologias indígenas, se faz cada vez mais significativo levantar reflexões a respeito dos povos indígenas, suas diversidades, especificidades de cada povo e sua saúde mental (GUIMARÃES, 2022). Aos povos indígenas reconhecimento e visibilidade sempre serão necessários para avançar em transformações dentro da psicologia.

De acordo com Pontes *et al.* (2020) quando adentrarmos ao tema de saúde indígena é necessário entender que se passa por um contexto diferenciado do repertório em saúde mental no geral. A saúde mental no contexto indígena atravessa por questões psicossociais que vão desde da relação com seu território tradicional ancestral, com a luta política para demarcá-los, luta para garantir seus direitos, atravessa a falta de políticas públicas, discriminação e racismo indígena, as diferenças

de cultura de cada povo, a relação com suas tradições, a cosmovisão, práticas espirituais e medicinais, conexão com a natureza e as florestas, chegando na sua realidade do modo de viver e ser. Todos esses aspectos impactam no bem estar e saúde mental da população indígena.

No que tange a psicologia em promoção de saúde mental na situação indígena precisa levar sempre em consideração o social, cultural, o modo como eles identificam o adoecimento e como é a cura para o povo indígena, que sejam protagonistas no processo cabendo ao psicólogo(a) uma mediação, e não uma prática de tutelar e dominar (PONTES, et al., 2020).

Ainda sobre saúde mental em contexto indígena torna-se importante destacar:

Povos ameríndios acreditavam que a doença afetava toda a família da pessoa doente. Eles sabiam que boas relações com a família, amigos e toda a comunidade eram importantes para tornar-se e permanecer saudável. Incluindo a família do paciente e a comunidade no tratamento tornava mais provável sua efetividade. Os membros da família e outras pessoas na comunidade provinham o apoio para a pessoa doente. Pesquisas atuais mostram que essas relações são importantes para uma boa saúde. Estar rodeado de pessoas cuidadosas aumenta as chances de uma maior longevidade comparado a pessoas que vivem isoladas. (Keoke & Porterfield, 2005, p. 102).

2.1 Atuação do Psicólogo com Povos Indígenas

Um importante documento produzido na área é o do Conselho Federal de Psicologia (2022) sobre Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) junto aos Povos Indígenas, elaborado pelos especialistas Carmen Hannud Carballada Adsuara, Edinaldo dos Santos Rodrigues, João Irineu de França Neto, Maria Eunice Figueiredo Guedes e Nita Tuxá (Edilaise Santos Vieira). Ressaltando que três são profissionais indígenas e suas respectivas etnias em destaque: Edinaldo **Xukuru**, João Irineu **Potiguara** e Nita **Tuxá**. O material contou com a colaboração de vozes que se estendem com mais indígenas psicólogas e psicólogos: Glycy **Macuxi**, Vanessa **Terena**, Fernanda dos Santos Mendes, Thaynara **Xerente**, Mirian **Tembé**, Hendrix **Wapixana**, Ezequiel **Tikuna**, Analice **Baré**, Orayde **Nambikwara** e Gardeni **Juruna**. O que torna ainda mais importante nas compreensões e orientações da prática profissional e compromisso ético-político da Psicologia, auxiliando os profissionais no exercício de seu trabalho junto aos povos indígenas, pois eles tem seu lugar de fala, conceito de Djamila Ribeiro (2017) "que significa um lugar político

tanto de vivência quanto de posicionamento sobre a realidade". Sendo assim, existe a propriedade das(os) indígenas psicólogas(os) deste documento através da sua realidade do modo de viver e ser indígena.

Ao psicólogo em sua atuação, é considerável procurar conhecimento sobre as políticas públicas direcionadas a população indígena com foco na atenção à saúde indígena considerando sua realidade. Procurar entender como funcionam: CASAI Casas de Apoio à Saúde Indígena; DIASI Divisão de Ações de Saúde Indígena; DSEI Distritos Sanitários Especiais Indígenas; PNASPI Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas; SASI Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI-SUS); SESAI Secretaria Especial de Saúde Indígena (CFP, 2022). Além de outros órgãos que representam e protegem os direitos indígenas.

Outros entendimentos devem ser considerados seguindo as orientações das Referências Técnicas (CFP, 2022) como reconhecimento e respeito com a cosmovisão de cada povo, compreensão e valorização dos saberes indígenas com as práticas tradicionais de cuidados à saúde de cada etnia. Stock (2011) considera que o psicólogo na sua atuação em relação à saúde mental da população indígena deverá estar atento ao risco de imposição de ideias ocidentais que muitas vezes acabam por serem etnocêntricas invalidando o ser do outro, neste caso a pessoa indígena.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2022) conceitua a saúde mental como "um estado de bem-estar em que o indivíduo realiza suas capacidades, supera o estresse normal da vida, trabalha de forma produtiva e frutífera e contribui de alguma forma para sua comunidade". Sobre esse ponto é relevante compreender que o termo "saúde mental" não está presente nas cosmovisões indígenas, cabe ao psicólogo pesquisar correlações de conceitos e saberes. O que significa o "estado de bem-estar, realização de suas capacidades e contribuição para sua comunidade" para a pessoa e o coletivo indígena? Por conseguinte o psicólogo pode então pensar junto com a comunidade em estratégias na promoção de cuidados com aqueles que estão em sofrimento, preocupando-se com que os indígenas sejam protagonistas no processo. E tais estratégias sejam elaboradas dentro da realidade indígena de cada comunidade em conjunto com seu modo de viver (STOCK, 2011).

Debater e dialogar dentro da Psicologia sobre as reproduções de violências machistas, homofóbicas, transfóbicas, que podem acontecer também dentro das aldeias e comunidades, todavia com muito cuidado e atenção com entendimento que tais violências fazem parte do processo e consequências de uma colonização sobre

os povos indígenas (PAREDES; GUZMÁN, 2014). Compreender a subjetividade indígena a partir de que já existia um modo de viver e ser antes da colonização europeia, com reverência ao sagrado, com reconhecimento social, com a garantia do território, tão crucial para o bem estar, o Bem Viver para os povos indígenas. E que este acontece a partir da cosmovisão e organização comunitária de cada povo. Com a colonização veio uma imposição de concepção religiosa como a de um deus único, invalidando as crenças e valores dos povos originários. Suas práticas espirituais estão conectadas com suas medicinas. Cada etnia tem sua própria visão, e a forma como denominam ou chamam de "deus" (CFP, 2022). Os indígenas têm a sua própria religião e crenças, é preciso respeitar.

Aqui abre se um parêntese segundo documento do Conselho Federal de Psicologia (p.78, 2022) sobre a apropriação cultural no contexto indígena com sua medicina, se faz importante refletir:

Amazônia é o território de surgimento de sincretismos como o Santo Daime e União do vegetal, com o uso da ayahuasca. É importante aqui assinalar de que maneira ocorre aqui uma apropriação cultural de práticas ancestrais de uso de plantas pelos vários povos indígenas como no caso do uso do chá – chamado de ayahuasca.

Também as explicações das tradições e cosmologias não hegemônicas não são compreendidas por nosso arcabouço e por uma Psicologia científica ou imersa nas concepções religiosas sobre o ser humano. A medicina dita tradicional (dos ancestrais indígenas) não se resume apenas nas curas de doenças ou produção de remédios, mas também na tradição de costumes que, quando seguidos, podem propiciar o equilíbrio das pessoas não deixando que as mesmas adoçam segundo Buchillet (1991).

As invasões de missões religiosas e conservadoras dentro das comunidades são um outro agravante. As lideranças fazem questionamentos e apontamentos a essas invasões e os resultados delas, como um fato que implica na perda de suas práticas, suas raízes, sua língua, sua cultura e tradições. Quando essas perdas atravessam a subjetividade da pessoa indígena gerando conflitos, pode criar se uma abertura para bebida alcoólica (o álcool não é uma invenção indígena, logo entrou nas comunidades através da colonização) e as drogas, suicídios e assassinatos, afetando a saúde indígena trazendo adoecimento. "O sujeito de nossa intervenção é um ser vivo que está atravessado por um conjunto de fatores históricos, sociais, econômicos, subjetivos e geracionais" (CFP, 2022).

Falar em saúde indígena e as causas do seu sofrimento psíquico, é compreender que a angústia, o medo, a ansiedade, a preocupação, atravessam a

realidade indígena, e são ocasionados pelas inúmeras lutas e resistência pelo direito de continuar existindo (BENEVIDES, 2005). Para que possamos entender melhor o contexto de saúde mental indígena precisamos ter esclarecimento que a relação dessas lutas e resistência pelo qual passam os indígenas, os afetam psicologicamente. Como lutar pelo seu território, lutar contra a invisibilidade dos povos, o preconceito, os questionamentos da sociedade contemporânea que impõe e trazem ideias de como deve ser o indígena, fazendo com que ele duvide de quem ele é e seu lugar de pertencimento (ABRASME, 2014). Como também é constante a luta em seu dia a dia para que não se perca tradições ancestrais para que elas não deixem de existir, isso inclui a manutenção da sua língua materna, cantos, danças, artesanatos, pinturas corporais, medicinas, rituais e cerimônias espirituais, que fazem parte da identidade indígena.

Desde os primeiros contatos com os invasores, os indígenas foram impedidos de viver e expressar sua cultura. Aqueles que tiveram que se afastar ou deixar sua comunidade, ou ainda os cenários urbanos que estão cada vez mais próximos das comunidades e aldeias, sofreram e sofrem com um processo de aculturação, que são traços da colonização e prejuízos causados por ela. Os indígenas passaram a ter dificuldade em reconhecer sua identidade, pois o contato com o invasor resultou em introjetar a cultura ocidental e o distanciou da sua, o que resultou em sofrimento psíquico. Diante do contexto apresentado é significativo entender que ainda assim, o indígena irá carregar consigo seu lugar de pertencimento étnico, mesmo que tenha sido vedado o seu direito de vivenciar sua cultura. (CFP, 2022)

Compromisso ao enfrentamento ao racismo, bem como na sua atuação em contribuir para a superação do sofrimento psíquico causado por ele. Para isso é preciso adotar e se posicionar por uma psicologia antirracista. O documento do Conselho Federal de Psicologia (2022) ressalta sobre esse entendimento de descolonizar o fazer da Psicologia e transformar, agregar os diversos saberes de outros povos:

[...]Por essa razão, vale dizer, Grosfoguel (2016) afirma que a estrutura da ciência é sexista, racista, genocida, epistemicida, sendo intolerante com a diversidade de pesquisadores e de saberes que podem ser produzidos a partir da inserção de acadêmicos e professores indígenas nas universidades, por exemplo. A ciência integra-se, assim, em um projeto societário; e a psicologia não está ilesa nessa história: O privilégio epistêmico dos homens

ocidentais sobre o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticas do conhecimento tem gerado não somente injustiça cognitiva, senão que tem sido um dos mecanismos usados para privilegiar projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo.(Id.,p. 25).

O profissional da psicologia não pode ser mais um a invadir e violentar os povos indígenas que ainda sofrem de violências desde a colonização europeia tanto no Brasil como em outros países latino americanos.

2.2 Retratos do racismo que atravessam o povo Mapuche no Chile.

Como este trabalho tem o propósito de evidenciar o povo indígena Mapuche trazer as considerações de Julio Paillalef que é Mapuche, Professor, Psicólogo e Mestre em Psicologia Social e em seu livro "*Los mapuche y el proceso que los convirtió en indios. Psicología de la discriminación.*", são imprescindíveis, uma vez que, o autor possui autoridade e propriedade no tema para nos colocar a parte sobre o racismo que atravessa o povo Mapuche, como ele acontece e como ele afeta a psique do mapuche.

Segundo Paillalef (2018) a forma como ainda se mantém comportamentos e ideias racistas inventadas pelo europeu de uma superioridade racial, não possuem fundamento racional, senão que seja uma estratégia única e puramente para fins econômicos até os dias atuais. Tal estratégia discriminatória foi usada para justificar a escravização, exploração e extermínio de outros grupos, principalmente com população negra e indígena. Muitas etnias não existem mais por consequência desse processo violento.

O racismo tem em sua base um forte elemento cognitivo. Se tem entendimento que o racismo aprendido no Chile acontece porque alguém ensinou, levando em conta a forte influência do ambiente social. "As crianças aprendem as atitudes pejorativas a respeito de outros grupos étnicos a partir de seus modelos, de seus pais, seus professores, da literatura de uso oficial no manejo da comunicação das informações." (PAILLALEF, 2018)

De acordo Paillalef (2018 p. 91) o racismo e os abusos psicológicos que muitas vezes acontecem já na infância do mapuche são prejudiciais e podem decorrer para sua vida adulta:

A la luz de tales cogniciones se puede inferir que, si el abuso psicológico se manifiesta en los primeros años, el perjuicio será más serio por cuanto incide en la formación del sí-mismo de la persona, algo así como la conciencia que tiene todo ser humano de su propia vida mental. Considerando las bases conceptuales de la psicología del desarrollo, se puede sostener que el trato ofensivo y discriminatorio que recibe el mapuche, prácticamente desde su niñez, perjudica su desarrollo ontológico.

Baron & Byrne (1995) apontam três aspectos do racismo moderno: "Negação por parte dos grupos dominantes de que segue existindo discriminação contra as minorias"; "Oposição às demandas das minorias de um trato igualitário"; "Ressentimento sobre os favores especiais aos grupos étnicos" negar tais fatos que acontecem contra o povo Mapuche, não é nada mais, que uma estratégia de evitar um dos mais importantes conflitos sociopolíticos que existe no país. Escondendo assim os comportamentos violentos por parte do Estado que é apontado como violador dos direitos humanos de seus povos indígenas.

Paillalef (2018) traz uma reflexão para compreender melhor o que pode igualmente ocasionar sofrimento psíquico em questão da identidade indígena e o reconhecimento em ser Mapuche. O qual é o fato de não reconhecer a existência do Mapuche em contexto urbano, que luta por garantir seu espaço na sociedade. Este fato colabora com a discriminação e o racismo, trazendo teor psicológicos traumáticos quanto ofensivos que acontecem dentro da sociedade chilena.

Nada ingênua é a expressão "índio" usada para identificar os descendentes dos povos indígenas da América. Utilizada de forma errônea e com propósito fundamental de dominar e desprezar conforme os valores da sociedade do branco, criando um estereótipo maldoso e racista. Essa expressão-símbolo de discriminação psicológica serviu como instrumento da sociedade ocidental para inferiorizar, diminuir, questionar a inteligência, valores e cultura do indígena. Esse termo de cunho racista inventado pelo europeu transmite sua intolerância com o diferente (PAILLALEF, 2018). Tal expressão também corrobora com a ignorância de que todos os indígenas são iguais, invalidando os diversos povos e suas culturas.

3. Povo Mapuche - Origem, cosmovisão, cultura, identidade.

O povo indígena Mapuche é o mais numeroso e resistente que habitam no Chile. *Mapu* significa terra, e *Che* significa gente, Mapuche: gente da terra. Estão localizados hoje no Sul do Chile e em menor número no Sul da Argentina. É um povo que resiste desde a colonização europeia e mantém viva sua cultura, a maior parte com suas tradições ancestrais e seu idioma, o Mapuzugun, conservando uma forte identidade. (BENGOA, 2011)

Para entender melhor a identidade desse povo indígena e guerreiro vamos voltar a história desde antes da invasão dos espanhóis, conhecer a origem do povo mapuche, compreender a cosmovisão, a forte ligação com a terra que é sagrada para os Mapuche que lutam por defendê-la até os dias de hoje, a importância e significado de seu idioma, seus costumes e tradições ancestrais.

Segundo Bengoa (2007), filósofo especializado nos temas de história e cultura, principalmente cultura indígena, os mapuches antigos, ou os anciões, contavam muitas tradições sobre a cultura e o surgimento do mapuche. As primeiras pessoas, gente da terra, desceram do céu e conheciam a linguagem das árvores, dos rios, dos animais, dos ventos, da natureza. De lá os primeiros mapuche haviam trazido também o idioma, o mapuzugun, era o único idioma compreendido no céu e na terra, assim contam os anciões mapuche. O *Chao kalfu*, o senhor de cor azul, sempre teve espíritos companheiros ao seu lado, quando os espíritos olhavam para baixo, para a terra vazia, diziam que nela só havia água e rochosas montanhas, porém sem vida. Fizeram inúmeras formas com material das nuvens, os novos seres estavam destinados à terra e não podiam mais permanecer no céu, com medo eles suplicaram para não descerem até ela, mas os espíritos os acalmaram e garantiram que seria por pouco tempo: "assim que vocês povoarem a terra voltarão para cima. Nunca percam de vista o sol quando se levanta e quando se põe, esse se tornará um costume. Se necessitarem de ajuda nos chamem, estaremos ouvindo. Quando voltarem ao mundo do céu, vão brilhar aqui em cima como estrelas, e seus filhos se tornarão guias na noite."

Os mapuche chegaram a terra e se vestiram com ponchos azuis com desenhos coloridos e significados marcantes, a cor azul que surgiu de minerais e plantas da cordilheira, com o rostos pintados de listras azuis, lembrando de *Chao Kalfu*, e que até hoje se segue usando nas cerimônias de Nguillatun. A vida acontece no mundo de cima e no mundo abaixo, no lugar das estrelas e no lugar da terra. A tintura azul e

suas diversas tonalidades estabelecem conexão e relação com o azul do céu, das águas e dos seres humanos. (BENGOA, 2007)

Origem do mapuche pela mitologia de Treng-Treng e Kay-kay: Há diversas versões que até hoje são contadas nas comunidades indígenas para o grande mito da origem mapuche, e este está na luta entre as serpentes, a das montanhas: Treng-Treng e a do mar: Kay-kay. Ambas com aliados, o sol com a primeira serpente e a chuva com a segunda. No mar mais profundo habitava uma grande serpente chamada Kay-Kay, e as águas são obedientes a ela, um dia as águas começaram a subir a terra, onde a grande serpente Treng-Treng habitava no topo das colinas. Treng-Treng diante do dilúvio aconselhou aos mapuche que subissem para o mais alto das montanhas. Enquanto as águas não paravam de subir, as montanhas também não paravam, subiam ambas acompanhando o ritmo uma da outra. Assim foi a batalha por um bom tempo até que Treng-Treng se deu por vencida, se acalmou, e as águas começaram a baixar. Muitos mapuche não conseguiram se salvar, apenas quatro foram os sobreviventes e alguns animais. Essas quatro pessoas eram dois casais de homem e mulher, um casal era de anciões e o outro era de jovens que pouco sabiam sobre a cultura, costumes e tradições. Os anciões então ficaram com a missão de ensinar-lhes tudo que sabiam, e os mais novos de povoar a terra para que os mapuche continuassem a existir. Na cultura mapuche, como em várias outras culturas indígenas, os mais antigos, são considerados pessoas de grande sabedoria, são pessoas vistas como muito dignas de serem respeitadas e ouvidas. (BENGOA, 2007)

Cosmovisão mapuche: Com base nas considerações de Paillalef (2018) a criação do mundo na visão mapuche era passada através da oralidade, uma história falada pelos anciões, e não se encontrava em livros, hoje é possível conhecer a partir de obras seletas e documentários realizados, trazendo os mapuche como protagonistas para contar a sua cosmovisão.

Segundo Paillalef (2018) na cosmovisão mapuche existe a divisão do mundo em três partes muito importantes, carregada de significados para esse povo, e são elas:

Wenumapu a terra de cima, é o lugar onde se vive os seres de natureza espiritual, é onde habitam os espíritos de nossos antepassados, que traz uma representação de *Küme Newen*, forças positivas. Também é o lugar do sol, da lua,

das estrelas, e para os mapuche eles estão relacionados com a vida, com seus pensamentos, com suas crenças. É um lugar sagrado, da família divina, dos antepassados e energias positivas. Para os mapuche, a morte não é o fim, mas sim a separação do material, o corpo se transforma em (*mapu*) terra, e a (*puyu*) alma continuará vivendo em um lugar mais além.

Nagmapu a terra debaixo, lugar onde vive o homem, em meio a dois mundos ou em oposição a outras terras, que seria o lugar de *Küme Newen* e *Weda Newen*, energias positivas e energias negativas, que estariam em equilíbrio e harmonia pela lei mapuche. É o lugar onde a vida acontece e suas distintas expressões, as plantas, os animais, os seres humanos, onde se estabelece diferentes relações ecológicas e entre diferentes organismos.

Minchemapu debaixo da terra, é o lugar da maldade, da escuridão, uma dimensão negativa do mundo pela crença mapuche.

Ligação com seu território sagrado: A ligação com seu território, onde vivem, onde aprenderam os costumes, a tradição, os ensinamentos dos mais velhos, onde as cerimônias importantes acontecem, onde seus antepassados estão enterrados e nesse viés podemos compreender que é um ciclo para os mapuche, seu ente querido se transforma em terra e onde essas terras para eles se tornam sagradas, pois depois da separação do corpo a alma vai para um lugar sagrado e ela pode retornar ou em espíritos guardiões, espírito do seu antepassado pode estar presente nas flores, nas árvores. Proteger seu território não é ser dono daquela terra, mas é proteger um ciclo, uma crença, um modo de viver, de enxergar a vida, seus ensinamentos, mesmo que para proteger seu território sagrado e ancestral, tenha que ser com sua própria vida. (PAILLALEF, 2018)

Mapuzugun, o idioma mapuche: *Mapu* como já vimos, significa terra, e *zugun* é o ato de falar, então Mapuzugun podemos entender como o falar da terra. Dizem os antigos, os anciões, que o mapuzugun é a língua que se entende nas terras de cima, em *Wenumapu*. Por isso é importante as cerimônias sagradas como o *Nguillatun*, uma cerimônia espiritual, onde existe uma conversação e pedidos com o mundo de cima. Rezar e fazer as cerimônias é uma tradição antiga e mantida até os dias atuais que culmina em fortalecer o mapuche e sua cultura. Outra importante cerimônia é a *WeTripantu*, que acontece no mês de junho, simbolizando o início de um novo ciclo,

o novo nascimento do sol, o renascimento da vida e da natureza. Em outras culturas pode ser conhecida como solstício de inverno.

Costumes e tradições ancestrais: Para os mapuche as cerimônias, o idioma, os valores, as crenças, a sua religião, a história, a organização social, a arte e o artesanato, os cantos e danças, as comidas, os vestuários, a sua medicina, todos esses aspectos formam seus costumes e tradições do seu povo, formam a sua cultura. Lembrar do passado histórico e seus heróis mapuche que defenderam seu território e sua cultura com condutas heróicas como: Caupolicán, Lautaro, Galvarino, Pelantaro, Lientur, Kolokolo, Kylapan e muitos outros, também faz parte da manutenção da cultura Mapuche e sua identidade. (PAILLALEF, 2018)

Alimentos: alguns alimentos são tradicionais na cultura mapuche, a farinha tostada é um dos mais consumidos sendo um costume de longos anos mantido até os dias de hoje. Relatos do século XVII dizem que os espanhóis ficavam surpresos com a alimentação mapuche, dado que, esse era muitas vezes o único alimento que os soldados mapuche carregavam durante as longas jornadas. A farinha tostada era ótima para comer na guerra, visto que, os soldados mapuche acreditavam nos benefícios através dela, de que com o estômago mais leve melhorava-se o estado de alerta, preservava a capacidade física e contemplava o espírito. O fruto das araucárias, o pinhão ou *pewen*, é outro alimento que marca a identidade mapuche da Cordilheira dos Andes, indispensável para quem vive nas regiões de BioBío e das Araucanías. Existem vários outros alimentos na cultura mapuche que trazem sua identidade alimentícia, não existe um único alimento que identifique a todos os mapuche, salvo que eles vão ser conforme cada região.

Medicina: Os mapuche possuem sua própria medicina e seu modo de cura através das ervas medicinais e pelos conhecimentos sobrenaturais que possui a/o *Machi*, uma autoridade religiosa, curador(a), protetor(a) espiritual, que exerce importante função. Ela/ele é a pessoa intermediária entre o povo mapuche e o *Wenumapu*, o mundo de cima. Ao Sul da cidade de Temuco, houve uma importante conquista para o povo e a medicina mapuche, o hospital intercultural *Makewe/Maquehue*, que em suas atividades faz a união e compartilhamento dos saberes da medicina ancestral mapuche com a medicina ocidental. Permite-se com esse modelo fortalecer e valorizar as eficácias dos tratamentos indicados pela/pelo Machi assim como o médico tradicional prescreve suas indicações (PAILLALEF,

2018). O hospital intercultural *Makewe/Maquehue*, é um fator significativo na contribuição do combate ao racismo.

Artesanatos: Na cultura Mapuche existem variedades de artesanatos. Com a prata são feitas joias com símbolos sagrados para esse povo. Há também a cestaria, as peças artesanais feitas com argila, as feitas com madeira. Além de um dos principais artesanatos que são as peças feitas no tear Mapuche. (PAILLALEF, 2018)

Povo guerreiro: Em meados de 1.500 ocorre as invasões dos espanhóis às terras hoje denominadas pelo país de Chile, eles encontram por lá indígenas com fortes características, de serem indomáveis, que não se rendem, batalham bravamente e com boas estratégias de luta na guerra pelas terras. Por volta de 1.641 eles chegam a um acordo, um tratado de paz entre Mapuche e espanhóis, onde se reconhece a autonomia territorial Mapuche e se estabelecem relações políticas e econômicas regulamentando o limite de terras (BENGOA, 2007).

É nesse período que os trabalhos manuais, o artesanato feito no tear mapuche, passam então de somente para autoconsumo para trocas com os espanhóis, e a produção aumenta.

3.1 Witral- o artesanato, o desenvolvimento, a cosmovisão, e a prática do Tecer para o povo Mapuche.

Witral no idioma Mapuche, Mapuzugun, significa Tear. A tradição da arte têxtil faz parte da cultura Mapuche, tem sua origem no período Precolombino. Havia uma ordem social com divisão dos trabalhos entre homens e mulheres. As mulheres Mapuche eram as grandes responsáveis pela atividade do tecer no Tear, desde roupas para o dia a dia, como as roupas de uso para as cerimônias espirituais. No tear é produzido mantas, xales, capas, cobertores, faixas, cintas etc. Foram desenvolvidas técnicas para o tecer no Tear Mapuche, como a de tingimentos das lãs utilizando vegetais, pois uma das características dos tecidos feitos no Witral é o colorido. O ensinamento da prática ancestral do tecer era passado de mãe para filha, na forma de oralidade e observação (WILLSON, 1992).

O trabalho no tear é um artesanato muito apreciado na cultura Mapuche, o processo do desenvolvimento do tecer é antigo, demorado e delicado, sendo continuado até os dias de hoje como uma tradição milenar. Inicia retirando a lã das

ovelhas, lavando no rio como de costume antigo, para que fiquem bem limpas. O passo seguinte é fazer os fios da lã para poder tecer, e quanto mais fino o fio, mais difícil se pode tornar fazer o tecido. Logo a seguir os fios são tingidos, e o processo e técnica de tingimento pode ser demorado e complexo para que se fixe bem as cores. No tingimento dos tecidos são usados vegetais e elementos da natureza, como beterraba, casca de cebola, folhas, flores e frutos, barro, raízes. Um processo de fazer renascer a natureza através dos tecidos.

A prática do tecer tem um significado simbólico e espiritual, ligado à cosmovisão. O aprendizado do artesanato feito no tear atravessa várias fases até que a menina, a jovem, seja autorizada pela mais velha, sua mestra, a começar a tecer. Com o tempo ela vai aprender as histórias antigas ligadas a arte de tecedura, como observar a mais experiente em como ela faz, auxiliar nas pequenas tarefas, aprender todo o passo a passo do desenvolvimento da lã e das cores até que ela esteja pronta a iniciar seu primeiro tecido sozinha (WILLSON, 1992).

Sobre a tradição oral mapuche e origem da tecelaria aprendendo a fazer o fio:

"Un día, una chiquilla lavaba mote en el río, llegó un viejo y se la robó; se la llevó para sus tierras. Se casó el viejo con la chiquilla. Dicen que le dijo: "Me voy para la Argentina, cuando vuelva yo, me tienes que tener toda esta lana hilada". Se fue el hombre y la niña quedó llorando icuándo sabía hilar! Llorando allegadita al fogón y en eso el choñoiwe kuzé, el fuego vieja, le habló: "No tienes para qué afligirte tanto yo voy a llamar a lalén kuzé para que te ayude". Al ratito apareció, bajando por el fogón la Araña Vieja y le dijo a la chiquilla: "tienes que hacerlo como yo, mírame y aprenderás a hilar".

Así que pasaron los días, cuando llegó el hombre, las lanas estaban hiladas. Lalén Kuzé todas las noches fue a ayudar a la niña y juntas terminaron el trabajo".

Nesse trecho podemos ter um olhar mais que tudo sobre um fato histórico onde se originam costumes, práticas e tradições. A tradição oral está vinculada com o tear, sendo uma das formas mais antigas de aprender, em que diversos povos transmitem seus saberes aos mais jovens importantes aspectos da existência humana. Nesse sentido, podemos observar que o tecer tem profunda conexão com o sagrado para sociedade mapuche, duas divindades femininas protetoras, *choñoiwe kuzé* a anciã fogo, e *lalén kuzé* a anciã aranha. *Lalén kuzé* que de forma oral ensina a jovem como

fazer o fio e que juntas estarão sempre nesse trabalho. A forma de um sistema antigo de aprendizagem também ocorre no modo de observar sua professora e repetir gestualmente o que ela vai fazendo. Em comunidade mapuche e nos aprendizados sobre o tear serão referências para as mais jovens as anciãs e as mulheres adultas, já que, elas representam sabedoria para os mapuche. Anciãos e anciãs são valorizados e respeitados, por eles e elas estabelecem a continuidade da ligação com o passado e o presente. Tanto dentro da cultura mapuche como em várias outras culturas indígenas. (WILLSON, 1992)

O trabalho feminino e tornar-se uma tecedora acontece desde pequenas aprendendo a arte e o trabalho manual de sua sociedade, seguindo uma tradição cultural que identifica os mapuche, um legado e sabedoria deixado por antigas gerações, de modo que é passado de avós, a mães e filhas, que são consideradas artistas das criações têxteis. Aprender o passo a passo do processo de tecer no *witral*, são conhecimentos que devem ser internalizados para que estejam preparadas para serem boas tecedoras. Esta tarefa era uma preocupação familiar, uma vez que, a aprendizagem do tecer acontecia com as práticas mágicas ligadas a cosmovisão para que pudesse ser bem executado. Ritos como passar pequenas aranhas na palma das mãos das meninas enquanto elas ainda estavam nas fases de desenvolvimento, recém nascidas, crianças, ou adolescentes, tinham o objetivo de facilitar o aprendizado quando chegasse o momento. Sobre as práticas mágicas vejamos esse relato:

"Mi mamá contaba que antes a la mujer mapuche le colocaban una lanita que se encuentra en un árbol- me parece que es hualle-, es una lanita especial, está en las montañas; pero la encuentra sólo la que tiene suerte, es una lanita bien finita. De guagüitas a las niñas mapuche le envolvían la muñeca de la mano, entonces ellas iban a ser como arañas para hilar o para tejer, salían expertas en tejido. Yo le decía a mi mamá, que por qué no me buscaba una, que por qué no me buscó cuando era guagüita. Yo soñé que iba a hilar algún día; pero pensaba que iba a ser más lenta porque no me puso la telita. Ella me decía: "Ya de grande es difícil, de guagüita es bueno, hay que buscarlo en el monte, es un poco difícil; pero se encuentra".

(Margarita Painequeo, Temuco, 1988)

No processo do desenvolvimento de aprender a tecer, os sonhos possuem um papel significativo para os mapuche, eles são uma comunicação do divino com o ser humano, sendo assim, transmissores de mensagens e ensinamentos. Eles podem ser

de revelação ou de premonição. Os reveladores são sonhos onde o divino entrega a sabedoria necessária, e os premonitórios mostram através dele como a pessoa vai executar o trabalho no tear, por tanto, eles se tornam sonhos simbólicos e com muitos significados. O relato do sonho da tecelã Rosa Rapimán nos mostram como é essa relação para ela:

"Soñé que iba un hombre subiendo por una montaña, iba con una manta cacique. Además llevaba un trarilonko igual ¡y se veía tan bonito! que yo decía: igual puedo hacer esa manta. Yo pienso que Dios me dice que yo no tengo que quedarme con lo que sé no más, sino seguir creando y viendo. Yo pienso que Dios transmite cosas por intermedio de sueños, porque creo que uno es predestinado; por ejemplo, en mi casa no querían que yo estudiara esa especialidad de tejidos y yo sola no más lo hice". (WILLSON, 1992 p.12)

Por esses relatos vemos que as mulheres mapuche se interessavam desde crianças em aprender a arte que envolvia o tecido e sua magia, era uma honra quando lhe era permitido começar esse trabalho oficialmente feito pelas mulheres. A observação e a prática cotidiana, as tornavam verdadeiras artistas e criadoras de desenhos e símbolos ligados ao mundo e o modo de viver mapuche.

As meninas podiam aprender com as mulheres de sua família, avós e mães eram a sua primeira alternativa, todavia elas tinham a possibilidade de recorrer também a uma *ñimife*, que são as mestras de idade mais avançada e possuíam seu destaque na comunidade como excelente tecedora e que ensinava as mais jovens. As *ñimife*, são rigorosas no seu método de ensinar, não possuem muita paciência, a dinâmica é cada uma com seu tear. Enquanto ela faz o seu tecido, a aprendiz reproduz no seu tear o que está a observar. Diante disso, se torna essencial que as meninas observem e memorizem desde novas como se tece, principalmente os desenhos, que possuem um grau de dificuldade e complexidade. Possuir uma boa memória é visto como uma qualidade pessoal, e caso a aprendiz tenha dificuldade de memorizar ela pode recorrer a remédios naturais, um costume recorrente dentro da medicina mapuche. Um chá com uma planta específica para tal, pode ser a alternativa para que ela possa melhorar sua memória, uma vez que ela tome e não se esquecerá mais de como fazer o tecido. (WILLSON, 1992)

Segundo Willson (1992) contam as artesãs mapuche que nas diversas etapas do desenvolvimento têxtil, estão outros aspectos importantes, unindo a cosmovisão do witrail, como os sonhos, as rezas, e os cantos sagrados enquanto tecem. Realizar essas particularidades sobre seus tecidos as fazem crer que seus trabalhos serão abençoados pelo divino, que vão sair bem feitos, bonitos, coloridos, e terão sorte nas suas respectivas vendas. Desse modo faziam as antigas tecedoras anciãs. Não é somente realizar um tecido, um trabalho artesanal, senão que unir aspectos da vida, das crenças espirituais, econômica, cultural e social de um povo.

4. Trabalho manual e artesanato indígena

O conceito de trabalho para os povos indígenas está diretamente ligado, na grande maioria, à sua cultura, uma das opções de trabalho e sustento familiar é através dos trabalhos manuais como o artesanato. O trabalho artesanal indígena tem significado que vai para além da questão econômica, é também uma forma de manutenção da cultura de uma etnia. Através dele que se pode fazer uma comunicação e divulgação de seu povo com o restante da sociedade, neles estão contidos uma identidade indígena, que é fortalecida por essas práticas.

O artesanato pode servir e ter a representação de resgatar as origens da pessoa indígena, fazendo com que ele acione memórias, lembranças de sua história de vida e/ou passe a conhecer as de seus antepassados. O artesanato para os povos indígenas também apresenta uma forma de prática e significado ligado à espiritualidade, pois tem o poder de trazer uma conexão com sua ancestralidade através das peças produzidas. É um trabalho valorizado pelos próprios indígenas, pois eles entendem que o artesanato faz parte deles (FREIRE, 2021).

Diante dessa perspectiva, a Terapia Ocupacional fala da importância dos trabalhos manuais para além de uma atividade, mas como uma forma individual e coletiva de existir. Os trabalhos feitos com as mãos possibilitam através da criatividade contribuições com bem estar e melhorias na saúde mental. Dentro das atividades criativas, o artesanato é um recurso terapêutico (MAZARO *et al.*, 2021).

Valadares & Almeida (2019), terapeutas ocupacionais e docentes do curso de terapia ocupacional, defendem a importância do fazer manual, em especial o artesanato, e seus efeitos terapêuticos. O trabalho artesanal tem a capacidade de unir o fazer e o pensar, ou seja, enquanto a ação do trabalho manual acontece, há uma

produção de pensamentos em que o indivíduo é capaz de entrar em um processo de interiorização, "a exploração das ações promove uma atitude reflexiva diante da vida e de si mesmo." As repetições também possuem um papel importante de fortalecer o fazer manual transformando a existência.

4.1 Arteterapia e o artesanato no Witral como ferramentas terapêuticas - correlações de saberes

Neste tópico o propósito é fazer as correlações de saberes da ciência ocidental com a ciência Indígena em formato terapêutico, com propósito de contribuição para que a Psicologia também seja Indígena.

A arte está presente em diversas culturas e na história da humanidade. A arte possibilita a expressão do mundo interior, é o que defende a arteterapia. Por esse viés as expressões artísticas se tornam terapêuticas. Conforme a Associação Brasileira de Arteterapia, "é um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação. Sua essência é a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde" (REIS, 2014).

Correlação do artesanato no witral: [...]A tradição da arte têxtil faz parte da cultura Mapuche, tem sua origem no período Precolombino. Foram desenvolvidas técnicas para o tecer no Tear Mapuche, como a de tingimentos das lãs utilizando vegetais, pois uma das características dos tecidos feitos no Witral é o colorido. A prática do tecer tem um significado simbólico e espiritual, ligado à cosmovisão do tear. Com o tempo se aprende as histórias antigas ligadas a arte de tecedura (WILLSON, 1992). O artesanato desenvolvido no tear, para além da estética, ele tem a capacidade de levar a pessoa ao seu mundo interno, sendo que o indivíduo aprende sobre a cosmovisão e a história de um povo. Aprende-se o valor ancestral junto com atividade criativa.

Segundo Andrade (2000) a arteterapia tem o princípio de ser um instrumento de expressão e reflexão de si mesmo, estimulando a criatividade. Por meio dessa vivência a pessoa tem a possibilidade de se aprofundar no que sente durante o desenvolvimento artístico. Poder realizar algo que tenha significado e o represente. Reis (2014) afirma: "Portanto, na arteterapia, o fazer artístico se constitui como

mediação no processo de autoconhecimento e de (re) significação do sujeito acerca de si próprio e de sua relação com o mundo."

Correlação do artesanato no witrál: [...]As mulheres mapuche se interessavam desde crianças em aprender a arte que envolvia o tecido e sua magia, era uma honra quando lhe era permitido começar esse trabalho oficialmente feito pelas mulheres. A observação e a prática cotidiana, as tornavam verdadeiras artistas e criadoras de desenhos e símbolos ligados ao mundo e o modo de viver mapuche. Na técnica de tingimento dos tecidos são usados vegetais e elementos da natureza, como beterraba, casca de cebola, folhas, flores e frutos, barro, raízes. Um processo de fazer renascer a natureza através dos tecidos (WILLSON, 1992). O desenvolvimento do artesanato no tear contém muitos elementos criativos, todavia, só realizar a técnica de tingimento já estimula a criatividade quando se usa vegetais e elementos da natureza, como beterraba, casca de cebola, folhas, flores e frutos, barro, raízes. A opção de poder se expressar através das cores no tecido fazendo renascer a natureza, é uma fonte riquíssima de possibilidade em aprofundar em si mesmo e no que sente enquanto realiza o processo.

De acordo com Reis (2014) dentro da perspectiva da Psicologia Analítica, Jung afirmava sobre atividade artística e os símbolos do inconsciente "uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato" (1977, p.20) e completa "além de memórias de um passado longínquo, também pensamentos inteiramente novos e idéias criadoras podem surgir do inconsciente" (1977, p.38). Podendo esses símbolos se manifestarem através dos sonhos.

Correlação do artesanato no witrál - sonhos e símbolos: [...]Por tanto, eles se tornam sonhos simbólicos e com muitos significados. O relato do sonho da tecelã Rosa Rapimán nos mostram como é essa relação para ela:

"Soñé que iba un hombre subiendo por una montaña, iba con una manta cacique. Además llevaba un trarilonko igual ¡y se veía tan bonito! que yo decía: igual puedo hacer esa manta. Yo pienso que Dios me dice que yo no tengo que quedarme con lo que sé no más, sino seguir creando y viendo. Yo pienso que Dios transmite cosas por intermedio de sueños, porque creo que uno es predestinado; por ejemplo, en mi casa no querían que yo estudiara esa especialidad de tejidos y yo sola no más lo hice". (WILLSON, 1992 p.12)

No processo do desenvolvimento de aprender a tecer, os sonhos possuem um papel significativo para os mapuche, eles são uma comunicação do divino com o ser humano, sendo assim, transmissores de mensagens e ensinamentos. (WILLSON, 1992)

A arte manifesta efeitos na saúde e bem estar, influenciados por movimentos internos e externos dos indivíduos. Cada pessoa é capaz de aprender ferramentas para lidar com as situações de estresse, promovendo assim o bem estar. Os trabalhos criativos são ferramentas que podem contribuir com a parte cognitiva, diminuir o estresse, melhorar a autoconfiança, e promover a saúde mental, física e social. (Bravo & Carvajal, 2020)

Correlação do artesanato no witrál- fator cognitivo- aprendizado, memória, atenção pela observação: [...]As *ñimife*, são rigorosas no seu método de ensinar, não possuem muita paciência, a dinâmica é cada uma com seu tear. Enquanto ela faz o seu tecido, a aprendiz reproduz no seu tear o que está a observar. Diante disso, se torna essencial que as meninas observem e memorizem desde novas como se tece, principalmente os desenhos, que possuem um grau de dificuldade e complexidade. (WILLSON, 1992)

Correlação do artesanato no witrál- promoção à saúde mental, física e social: [...]contam as artesãs mapuche que nas diversas etapas do desenvolvimento têxtil, estão outros aspectos importantes, unindo a cosmovisão do witrál, como os sonhos, as rezas, e os cantos sagrados enquanto tecem. Realizar essas particularidades sobre seus tecidos as fazem crer que seus trabalhos serão abençoados pelo divino, que vão sair bem feitos, bonitos, coloridos, e terão sorte nas suas respectivas vendas. Desse modo faziam as antigas tecedoras anciãs. Não é somente realizar um tecido, um trabalho artesanal, senão que unir aspectos da vida, das crenças espirituais, econômica, cultural e social de um povo (WILLSON, 1992). A reunião de diversos fatores no processo do fazer artesanato no witrál contribuem para o bem estar, pois um conjunto de fatores importantes ligados a uma cultura que entende a importância da atividade criativa para além do fazer, a pessoa acessa seu mundo interior por meio do que é sagrado e leva para o mundo exterior ligado aos aspectos sociais.

A tese de Bravo e Carvajal (2020) apresentam resultados de uma metodologia aplicada com grupo mapuche *Ñumikan ñi Peuma*, localizado na comunidade indígena José Luis Caniulef, em que as autoras puderam confirmar a prática criativa realizada no witrál pertencentes as artes indígenas "promovem a vitalidade e a identidade

individual e coletiva fortalecendo processos de resistência e bem estar no geral". Fortificando esse argumento, nos relatos das tecedoras do grupo mapuche, nas suas narrativas percebe-se a relação da prática do tecer no *witral* com a promoção da saúde mental e bem estar para elas:

“El telar es complejo”: la complejidad de la técnica implicaría el desarrollo de ciertas habilidades particulares de la persona, principalmente respecto al manejo de la ansiedad y la paciencia, además de la concentración, aspectos necesarios para lograr un buen resultado y avanzar en el proceso textil. Se expresa en estas citas: “te tienes que calmar, tienes que estar tranquilo, tienes que tener paciencia, porque no lo puedes hacer rápido cuando no eres hábil todavía, entonces todas esas cosas que te van frenando, tienes que ir las calmando, para que puedas avanzar, o si no (...) no hay avances.” (M. Comunicación personal, octubre del 2019).

“En lo liso en lo simple uno va automatizando, porque uno puede estar conversando, uno puede estar tejiendo y mirando tele, pero cuando ya el tejido se pone con enlazada y cruces y otras complicaciones ahí tienes que estar pendiente, si te equivocas desarmas todo después, perdiste la concentración y hay que desarmarlo”. (M. Comunicación personal, octubre del 2019)

Diante do contexto apresentado é significativo ressaltar que a comunidade e o grupo mapuche passam por um processo de fortalecimento e recuperação de sua cultura, como muitas outras na região das Araucanías (BRAVO & CARVAJAL, 2020). Portanto, por esse motivo e demais apresentados nesse tópico, o artesanato e seu processo de desenvolvimento no *witral* é um caminho para o resgate e reconhecimento da identidade indígena e sua resistência. Sendo assim, uma ferramenta terapêutica na promoção da saúde mental e bem estar.

5. Considerações Finais

O entendimento sobre a invasão e as consequências de uma colonização que violentou assassinou, que explorou, exterminou etnias, que usou de expressões racistas, discriminatórias, que teve toda uma construção com o propósito de acabar com as culturas indígenas, de dominar e diminuir os povos, roubar seus territórios sagrados ancestrais, invalidar seus saberes. Esse entendimento e consciência das consequências da invasão e colonização do europeu é um processo dolorido, ao mesmo tempo que traz uma libertação de uma culpabilização que o indígena internalizou em não ser um indígena verdadeiro, se ele pode ou não pode se

reconhecer indígena, pois nós vivemos com as consequências da colonização até os dias atuais. O indígena que foi obrigado de alguma maneira a sair de sua comunidade ou o centro urbano que chega cada vez mais próximo das comunidades e aldeias, levaram e ainda podem levar o indígena ao distanciamento de sua cultura, perda gradativa de costumes, práticas e tradições ancestrais.

Portanto, a pessoa indígena não deve se sentir culpada, porque esse foi um plano arquitetado e colocado em prática pela colonização europeia para enfraquecer, questionar, adoecer o indígena, grupos e comunidades. Podem levar ao sofrimento psicológico os questionamentos que acontece até mesmo entre os indígenas como: quem mora em comunidade é mais indígena do que quem mora no centro urbano, quem tem a cor de pele mais escura é indígena e quem tem a pele mais clara não é, quem tem um cabelo liso e escuro é indígena e o outro que tem cabelo diferente não é indígena. A pessoa indígena passa a duvidar de si mesma, duvidar do seu lugar de pertencimento. Todavia, mais uma vez é relevante repetir que esse é um entendimento errôneo que vem do colonizador, que acabou sendo introduzido dentro da população indígena, e com propósito de enfraquecer o movimento indígena e subjugar. O colonizador possui vários modos de extermínio, sendo esse um modelo de extermínio psicológico que pode levar ao adoecimento psíquico da pessoa indígena, uma vez que, se trata da identidade, e todo ser humano é constituído por uma identidade.

Entender nossas raízes e de onde viemos pode ser um elemento importante na formação de nossa identidade individual e coletiva. Conhecer nossas origens, cultura e nossa história é um caminho para saber quem somos como indivíduo e como pertencente a uma comunidade, no caso da pessoa indígena pertencente a um povo, uma etnia. Ao reconhecer e valorizar nossas raízes, passamos a honrar as histórias e as lutas de quem vieram antes de nós, nossos antepassados, nossa ancestralidade. Sobre a ancestralidade indígena é significativo compreender que ela perpassa em não deixar morrer saberes, cosmovisões, tradições, cultura de um povo. Pela memória e movimento de continuidade não deixamos nossa ancestralidade morrer e ser esquecida, porque morrer é deixar de existir, e os povos indígenas resistem em continuar a existir.

Nesse sentido, o artesanato no witrail enquanto prática terapêutica, é como um caminho para o resgate e reconhecimento da identidade indígena e sua resistência, a partir da compreensão da realidade e história do povo Mapuche. O artesanato

indígena, por si só, se configura como terapêutico colaborando com a promoção de bem estar e saúde mental. O processo de desenvolvimento do tecido feito no tear entrelaçam contos ancestrais, a cosmovisão da tecelagem mapuche, significado de realização para a tecedora/tecedor, família e comunidade, a atividade artesanal envolve o uso das mãos, que pode ter um efeito calmante e relaxante. A concentração necessária para tecer os fios também pode ajudar a afastar pensamentos indesejáveis criando um estado de fluxo, no qual a pessoa está imersa na atividade e pode experimentar uma sensação de satisfação e realização. A prática da observação para posterior execução faz com que a atenção seja desenvolvida. Estimula a memorização através das repetições e através dos desenhos. Desenvolve a paciência para executar a atividade artesanal. Estimula a criatividade com as cores e com desenhos. A criação de algo com as próprias mãos pode ser uma forma poderosa de autocuidado, autoexpressão e conexão com uma tradição artesanal. Aproximação e conhecimento sobre a cultura indígena mapuche.

Todos esses fatores podem contribuir com o resgate da identidade indígena criando conexão e fortalecendo o senso de lugar de pertencimento. Todavia, o artesanato no witrail como ferramenta terapêutica pode auxiliar no bem viver da pessoa indígena, como pode ser também uma ferramenta terapêutica na promoção de saúde e bem estar para o não indígena.

Esta pesquisa visa contribuir para que os saberes indígenas sejam valorizados e passem também a compor os âmbitos da Psicologia. Os povos indígenas merecem visibilidades em todos os espaços que são seus por direito. Sendo assim agregar o artesanato indígena e seu modo de desenvolvimento e efeitos terapêuticos é um modo de reconhecimento e respeito aos povos originários, sua cultura, sua ciência, suas cosmovisões, seus saberes. A Psicologia não pode somente valorizar as ferramentas terapêuticas e conceitos com base nos saberes ocidentais, é importante incluir os saberes de outros povos e descolonizar a Psicologia tornando-a também uma Psicologia Indígena.

6. REFERÊNCIAS

Andrade, L. Q. (2000). **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor.

Batista, M. Q.; Zanello, V. (2016). **Saúde mental em contextos indígenas: Escassez de pesquisas brasileiras, invisibilidade das diferenças**. Estudos de Psicologia (Natal), 21(4), 403-414.

BARON, R. y BYRNE, D. (1998) **Psicologia Social**. Madrid: Editorial Prentice-Hall.

BENEVIDES, R. **A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces?** **Psicol. Soc.** [online]. v. 17, n. 2, p. 21-5, 2005.

BUCHILLET, Dominique. **Medicinas Tradicionais e Medicina Ocidental na Amazônia**. In: ENCONTRO DE BELÉM, 1989. Anais [...]. Belém, PA: [s.n], 1991.

Carta de Manaus por uma saúde integral aos povos indígenas. Manaus, ABRASME, 2014.

Bravo Almonacid, A. & Carvajal Valderrama, K. (2020). **Contribuições para a saúde e o bem-estar da prática do tear mapuche witrail em contexto grupal-comunitário: implicações para a arteterapia e as artes na saúde**. Tese Pós-graduação - Universidad Finis Terrae, Facultad de Arte, Escuela de Artes Visuales, Santiago, Chile.

Conselho Federal de Psicologia- [CFP]. / **Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) junto aos povos indígenas**. 1. ed. Brasília, 2022.

DA MATTA, Roberto. **Quanto custa ser índio no Brasil? Considerações sobre o problema da identidade étnica**. Revista Dados, Rio de Janeiro, n. 13, 1978.

FREIRE, A. M. S. **O significado do trabalho para os artesãos indígenas: uma análise qualitativa dos povos originários do Brasil e do México**. 2021. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

GROSFOGUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Revista Sociedade e Estado, Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 25-49, abr. 2016.

José Bengoa. **Los Mapuches: historia, cultura y conflicto**. *Cahiers des Amériques latines* [Online], 68 | 2011, posto online no dia 01 junho 2013, consultado o 28

novembro de 2022. URL: <http://journals.openedition.org/cal/118>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cal.118>

José Bengoa. **Historia de los antiguos mapuches del sur**. Santiago: Catalonia, 2007.

Julio Paillalef. **Los mapuche y el proceso que los convirtió en indios**. Psicología de la discriminación. Santiago: Catalonia, 2018.

Jung, C. G. (1977). Chegando ao inconsciente. In C. G. Jung & M. L. von Franz (Orgs.). **O homem e seus símbolos** (M. L. Pinho, trad., pp. 18-103). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Keoke, E. D., & Porterfield, K. M. (2005). **American Indian contributions to the world: Medicine and health**. Facts on File.

Mazaro, L. M., Depole, B. F., Gasparini, D. A., Colato, E. R. O., Gomes, L. D., Souza, M. B. C. A., Souza, T. T., Matsukura, T. S., & Lussi, I. A. O. (2021). **Panorama da produção científica sobre terapia ocupacional e saúde mental (1990-2018): estudo bibliométrico**. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2855. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR2159>

Organização Pan-Americana da Saúde. Política para melhorar a saúde mental [Internet]. 170ª Sessão do Comitê Executivo da OMS para as Américas; 20 a 24 de junho de 2022; Washington, D.C., EUA [consultado em 29 de maio 2023]. Disponível em: https://www.paho.org/sites/default/files/ce170-15-p-politica-saude-mental_0.pdf

PAREDES, Julieta Carvajal; GUZMÁN, Adriana A. **El tejido de la rebeldia**: qué es el feminismo comunitário? La Paz: Comunidad Mujeres Creando Comunidad, 2014.

PONTES, Ana Lúcia et al. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: povos indígenas no contexto da COVID-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. 17 p. Cartilha.

Reis, A. C. D. (2014). **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34, 142-157.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento; justificando, 2017. 112 p.

Silva Guimarães, D. (2022). **A Tarefa Histórica da Psicologia Indígena diante dos 60 anos da Regulamentação da Psicologia no Brasil**. *Psicologia: Ciência e Profissão*.

STOCK, B. S. *Os Povos Indígenas e a Política de Saúde Mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente*. Cadernos IHU ideias, ano 9, nº 145. UNISINOS, 2011.

Valadares Souza, G., & Almeida, M. V. M. (2019). **Terapia Ocupacional e o movimento de artes e ofícios: uma proposta ontológica do fazer artesanal.**

Willson, A. (1992). **Textilería Mapuche, arte de mujeres**. Colección Artes y Oficios Nº3. Santiago: Ediciones CEDEM.